Dia 23 — São João Capistrano, Confessor

Martirológio Romano

Os santos mártires Servando e Germano, na Espanha, junto a Cádiz, no campo Ursoniano; os quais, na perseguição de Diocleciano, por sentença de Viator, seu lugar-tenente, depois de haverem sido açoitados e encarcerados num escuro calabouço e padecido fome e sede e as penalidades de uma longa viagem que os obrigaram a fazer carregados de cadeias, por último, sendo degolados, alcançaram a coroa do martírio. Germano foi sepultado em Mérida; Servando, em Sevilha. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O martírio de São Teodoro, presbítero, em Antioquia da Cítia, o qual foi preso na perseguição do ímpio Juliano e, depois de sofrer o tormento do cavalete e outros muitos e muito cruéis, tendo-lhe queimado também os lados com tochas, por último, como perseverasse confessando a Cristo, cortaram-lhe a cabeça e assim alcançou a palma do martírio.

São Pedro Pascoal, bispo de Jaén e mártir, da Ordem de Santa Maria da Mercê, redenção de cativos, que padeceu no dia 6 de dezembro, em Granada, na Espanha. (Veja-se sua vida entre as de amanhã.)

Santo Inácio, bispo, em Constantinopla; o qual, tendo repreendido a Bardas César porque repudiou sua mulher, por ordem dele foi de muitas maneiras ultrajado e também desterrado; mas, tendo-o restituído a sua igreja o papa Nicolau, descansou em paz. (Foi filho do imperador do Oriente Miguel Curopalata.)

São Severino, bispo de Colônia e confessor, em Bordéus. (Este Bispo é honrado como patrono de Bordéus, cuja sé governou sob São Amando. Alguns, contradizendo o Martirológio Romano, distinguem este São Severino, chamado também Suvino, bispo de Bordéus, do que foi bispo de Colônia, e pensam que o primeiro veio a Bordéus desde alguma parte do Oriente e não de Colônia. Butler.)

São Romano, bispo, em Ruão.

São Vero, bispo, em Salerno. (Sabe-se que era tão grande sua caridade para com os pobres que, em certa ocasião, não tendo nada que dar-lhes, pôs-se em oração e apareceram dois Anjos que lhe

deram socorros para que os distribuísse aos necessitados.)

São Domício, presbítero, na diocese de Amiens.

São Bento, confessor, no Poitou.

São João Capistrano, confessor, da Ordem dos Menores, esclarecido pela santidade de sua vida e pelo zelo de propagar a fé católica, em Vilak da Hungria; o qual com suas orações e milagres arruinou o formidável exército dos turcos e livrou do assédio a fortaleza de Belgrado. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São João Capistrano, Confessor

São João Capistrano, tão célebre no século XV e tão benemérito de toda a cristandade por sua eminente virtude e por seu grande zelo da Religião, nasceu em Capistrano, pouco distante da cidade de Áquila, no Abruzo, província do reino de Nápoles. Foi seu pai um cavalheiro angevino que se havia casado na Itália por ocasião de ir na comitiva do duque de Anjou, coroado por rei de Nápoles em Avinhão. Estudou a gramática e letras humanas em seu país, correspondendo os progressos que fez nelas em pouco tempo aos que depois havia de fazer nas faculdades maiores. Enviaram-no a Perúsia para que estudasse naquela cidade o direito canônico e civil. Assinalou-se nela tanto por seus cristãos costumes, por seu brilhante engenho e por sua celebrada eloquência que lhe deram uma judicatura; cujo emprego desempenhou com tanta integridade e com tão singular prudência que, enamorado de seus raros talentos um dos mais principais cidadãos, deu-lhe por mulher uma filha sua. Em tudo lhe mostrava o mundo muito risonho semblante. Brilhava o jovem magistrado não menos por seu próprio mérito que pelo favor e pelo lugar que ocupava na mais florescente fortuna, quando a divina Providência, que não o havia dotado de tão belas prendas para que aumentasse o número dos escravos do mundo, mesclou aqueles primeiros gostos com uma salutar amargura; deteve o curso àquelas enganosas prosperidades e num momento dissipou todas as lisonjeiras esperanças daquela aparente ventura, atalhando-a em seu berço.

Tendo-se declarado os perusinos contra Ladislau, rei de Nápoles, tiveram que sofrer uma guerra cujos sucessos foram vantajosos aos mesmos cidadãos. Suspeitaram que João favorecia o partido de Ladislau e que tinha inteligências com o exército daquele Príncipe. Não foi mister mais para que desconfiassem dele. Prenderam-no e em vão intentou justificar-se, provando que somente havia trabalhado em acomodar as partes. Meteram-no num cárcere, onde esperou inutilmente por muito tempo que Ladislau o reclamasse, empenhando-se em solicitar-lhe a liberdade que havia perdido por servi-lo. O esquecimento do Príncipe abriu os olhos a nosso Santo para que fizesse sérias reflexões sobre quão pouco se pode fiar na amizade dos grandes, como também sobre a inconstância e o nada dos bens deste mundo. Ao mesmo tempo, para maior ventura sua, morreu sua mulher; e vendo-se livre deste laço, resolveu trabalhar em mais sólida fortuna. Apoderaram-se então de seu coração as máximas e os afetos mais sagrados da Religião; envergonhou-se de que sua ambição houvesse errado o objeto; pareceu-lhe o mundo o que é; e sentindo em si certo oculto

mas piedoso despeito de havê-lo servido por tão longo tempo em prejuízo de sua salvação, determinou abraçar o estado religioso, consagrar-se inteiramente a Deus e não reconhecer jamais outro dono. Vendeu todos os seus bens, comprou sua liberdade pagando seu resgate e passou da prisão ao convento. Havia escolhido a Ordem de São Francisco e, depois de satisfeitas suas dívidas e repartido entre os pobres todo o cabedal que lhe sobrou, dirigiu-se ao convento do Monte, da estreita observância. Foi recebido nele; mas, temendo o guardião que sua resolução fosse efeito do despeito mais que de legítima vocação, quis prová-la exercitando-o nos atos mais abatidos e mais penosos que se podem imaginar. A primeira coisa que lhe mandou foi que andasse por todas as ruas de Perúsia montado num vil jumento e com um traje ridículo, coberta a cabeça com uma mitra de papelão em que estavam escritos alguns pecados; prova verdadeiramente dura para um moço de trinta anos que se havia apresentado sempre naquela cidade com tanto esplendor e que se havia granjeado nela o conceito universal de homem judicioso, prudente e de grande capacidade; mas a superou aquela grandeza de coração e aquela generosidade com Deus que foram seu caráter em todas as ocasiões. Como não havia deixado o mundo pela metade, gozoso de que se lhe oferecesse aquela ocasião de sufocar o resto de seu espírito, afogou até os mais mínimos movimentos com tão gloriosa como assinalada vitória. Depois dela nada lhe custaram já as demais humilhações do noviciado, devorando-as todas sua devoção e seu fervor. Havia começado tarde e quis Deus adiantá-lo no caminho da perfeição, proporcionando-lhe ações verdadeiramente heroicas. Mediu a profundidade dos alicerces pela elevação do edifício e exercitou-o o Senhor em humilhações correspondentes aos altos desígnios a que o tinha destinado sua divina Providência. Duas vezes foi expulso do convento como inútil e como absolutamente incapaz de servir à Religião. Não o acobardou esta vergonhosa expulsão; ficou na portaria do convento, contentando-se com que lhe dessem as sobras dos pobres. À vista de tão heroica perseverança foi novamente admitido; mas com tão duras condições que nunca se creria tivesse valor para aceitá-las. Acrescentava ele mesmo muitas penitências voluntárias às rigorosas que lhe impunham, até que sua paciência e sua humildade cansaram a dureza com que se o tratava e deixou envergonhada a excessiva severidade dos que pretendiam apurar seu invencível sofrimento. Foi, enfim, admitido à profissão, dispondo-se para ela com extraordinário fervor, por força do qual passou três dias inteiros em oração sem tomar outro alimento.

Desde que professou foi toda a sua vida um continuado jejum. Comia uma só vez ao dia e por espaço de trinta e seis anos não provou coisa de carne. Sua cama era o chão de sua cela e seu sono não passava de três horas. Estavam salpicadas de sangue as paredes de sua cela: testemunho de seus excessivos rigores e da inocente crueldade de suas sangrentas disciplinas. Os sete primeiros anos andou sempre com os pés descalços, sem tamancos nem sandálias. O hábito cheio de remendos acreditava sua extremada pobreza, que amou continuamente, segundo o primitivo espírito da Ordem. Por todas estas virtudes se pode facilmente conhecer quanta era sua devoção. Morto a si mesmo, só vivia em Cristo e em Cristo crucificado. Abrasado seu coração no amor de Deus, nunca o perdia de vista. Era sua vida uma oração contínua, sem que a interrompessem as ocupações da caridade. Nunca se via de joelhos diante de um Crucifixo ou em presença do santíssimo Sacramento que não parecesse arrebatado em êxtase, manifestando as lágrimas que derramavam seus olhos o amoroso fogo em que se derretia seu coração. Ao abrasado amor que professava a Jesus Cristo correspondia sua terna devoção à santíssima Virgem. Dizia que a divina Providência lhe havia dado o nome de João para dar-lhe a entender que devia aspirar a ser o amado do Filho e o filho da Mãe.

Logo que professou foi ordenado sacerdote, e o sacerdócio foi para ele um abundante manancial de graças extraordinárias com que Deus o favoreceu. Tendo reconhecido os superiores seu eminente talento de púlpito, empregaram-no no ministério da pregação. Pregou nas cidades principais com fruto nunca ouvido; pelo comum interrompiam seus sermões os suspiros, os soluços e as lágrimas de todo o auditório, seguindo-se depois grandes e ruidosas conversões. Por este tempo ligou nosso Santo uma estreita amizade com São Bernardino de Sena, unidos com o mesmo espírito aqueles dois grandes corações, a quem chamavam os Apóstolos da Itália. São Bernardino havia empreendido a reforma de sua Ordem; empenho que lhe produziu muitas perseguições, e nosso Santo tomou o de ser seu apologista, não se contentando com o de professar-se grande imitador de suas virtudes. Fez expressamente uma viagem a Roma para defendê-lo em presença do Papa e dos Cardeais contra as calúnias e contra os erros dos que impugnavam a devoção do santo nome de Jesus: com cuja ocasião se deu a conhecer naquela corte, onde se levantou com uma reputação e com um conceito que prejudicou muito seus intentos de passar a vida no retiro e na obscuridade.

Havia-se levantado para o fim do século XIII na marca de Ancona uma perniciosa seita de monges vagabundos, quase todos apóstatas, com o nome de Fraticelos, cujos estragados costumes e perniciosos erros tinham escandalizado toda a Igreja; e tendo-os condenado o papa Bonifácio VIII, mandou aos Inquisidores que procedessem contra eles como hereges. João XXII renovou contra esta seita todas as censuras de seus predecessores; mas nem por ele nem por muitos sucessores seus puderam ser exterminados aqueles homens fanáticos e no tempo de nosso Santo se reproduzia todavia na Itália aquela geração de víboras. Foi nomeado São João Capistrano inquisidor contra os beguinos e os fradecos, sendo tão eficaz e tão ditoso seu zelo que logrou libertar a Itália daquela peste. Prendado o papa Eugênio IV das abundantes bênçãos que derramava o céu em tudo o que punha a mão nosso Santo, fê-lo seu Núncio na Sicília e enviou-o ao concílio de Florença para que trabalhasse na reunião dos gregos com os latinos. Despachou-o aos duques de Bolonha e de Milão para apartá-los dos inimigos da santa Sé e do partido do antipapa Félix V, cujos protetores se haviam declarado aqueles Príncipes. Deputou-o também ao rei da França Carlos VII, desempenhando nosso João todas estas comissões muito a satisfação do Pontífice e com aquela felicidade que acompanha ordinariamente as empresas dos Santos.

Mas enquanto trabalhava tão gloriosamente no bem universal de toda a Igreja, não se empregava com menos fruto no particular de toda a Ordem de São Francisco. A seu zelo se deveu em grande parte a renovação do espírito primitivo pelas prudentes Constituições que se fizeram num Capítulo geral a que assistiu e pelo cuidado com que procurou que florescesse a observância regular. Sobretudo, ajudou muito a São Bernardino de Sena para o sucesso da reforma e foi nomeado para introduzi-la ou para restabelecê-la nos conventos que a Religião possuía no Oriente. Estenderam-se muito mais além os frutos de seu zelo e de seus trabalhos; tendo sido associado também a São Lourenço Justiniano para visitar as casas dos Jesuatos, que tinham necessidade de alguma reforma.

Conhecendo Nicolau V, sucessor do papa Eugênio, o raro mérito e a poderosa virtude de nosso Santo, fê-lo Comissário apostólico na Alemanha, Boêmia, Polônia e Hungria, experimentando-se em todas as partes o mesmo zelo, o mesmo fruto e os mesmos felizes sucessos. Acompanhavam suas apostólicas fadigas todo gênero de bênçãos. Despovoavam-se as cidades para sair a recebê-lo e de nenhuma saía sem que tudo mudasse de semblante. Seculares, comunidades religiosas e clero,

todos participavam de suas benignas influências. Converteu um sem-número de hereges, particularmente de hussitas; confundiu Rokycana, cabeça desta seita, e reconciliou com a Igreja um prodigioso número de cismáticos. Anunciavam sua chegada aos povos os sermões e as visitas dos hospitais, sendo o fruto as milagrosas conversões que fazia em todas as partes. Esteve para custar-lhe a vida esta longa e perigosa expedição, não só pelos imensos trabalhos que padeceu, mas também pelo veneno que em duas ocasiões lhe deram os hereges, de que o céu o livrou com proteção particular. Dilatou-se também seu zelo em benefício dos judeus, cuja teimosia não pôde resistir à caridade de um Apóstolo tão poderoso em obras como em palavras. Enfim, se os turcos, aqueles mortais inimigos do nome cristão, fecharam obstinadamente os olhos às luzes da fé que em todas as partes espargia nosso Santo, viram-se ao menos precisados a render-se à eficácia de suas orações.

Maomé II, terror da Europa e açoite de Deus para castigar as culpas dos Cristãos, ameaçava toda a cristandade pela superior força de suas armas. Acabava de aniquilar o império dos gregos, tendo-se apoderado de Constantinopla no ano de 1453. Era já dono de doze reinos e havia tomado mais de duzentas cidades quando no ano de 1456 veio pôr sítio a Belgrado com um poderoso exército que, orgulhoso e fero com suas continuadas vitórias, nada menos se prometia que a conquista de todo o império cristão e arvorar o estandarte otomano no mesmo Capitólio de Roma. A um poder tão formidável se creu que não podia opor-se resistência mais vigorosa que a virtude de São João Capistrano e assim o Papa o nomeou por pregador e caudilho da Cruzada. O primeiro fruto de seus sermões foi como um seguro presságio da futura vitória. Uniu todas as tropas de Ladislau, rei da Hungria, do bravo Hunyadi, voivoda da Transilvânia, e de Jorge, déspota da Rússia. Maomé, superior em tropas e em orgulho, temia pouco a todos aqueles Príncipes coligados; mas não conhecia ainda a poderosa virtude de São João Capistrano, a quem o céu havia posto à frente do exército cristão. Chegaram às mãos os dois exércitos e empunhando João nas suas um Crucifixo, foi correndo com ele todas as linhas e animando os soldados com a memória de que iam combater por Jesus Cristo, o grande Deus dos exércitos. A presença de nosso Santo inspirou tanta confiança e tanto ardimento aos Cristãos que desde o primeiro ataque foi derrotado o exército otomano, ferido o mesmo Maomé e todas as suas tropas feitas pedaços. Foi completa a vitória, ao mesmo tempo que milagrosa; e não só todos os Príncipes, mas toda a cristandade reconheceu havê-la devido ao zelo, às orações e à virtude de nosso Santo, que, tendo desempenhado todas as obrigações de um homem apostólico, de um servo verdadeiramente fiel, terminadas gloriosamente as funções de seu ministério, foi muito logo triunfar no céu e receber dele as eternas recompensas devidas a seus trabalhos. Porque, tendo-se retirado ao convento de Vilak, perto de Sirmich na Hungria, morreu com a morte dos justos, três meses depois da batalha, no ano de 1436, aos setenta e um de sua idade, colmado de virtudes e de merecimentos. Tendo-se livrado seu santo corpo da barbaridade dos turcos, não se libertou da impiedade dos Luteranos. Desenterraram-no e lançaram-no no Danúbio; mas ditosamente tornaram a encontrá-lo os Católicos, os quais o levaram a Ilok, perto de Viena na Áustria, onde se conserva religiosamente o dia de hoje, honrado com muita devoção dos fiéis. Fez o Senhor glorioso seu sepulcro com tantos milagres que se compuseram livros inteiros deles. Beatificou-o o papa Leão X no ano de 1690 e foi solenemente canonizado pelo papa Alexandre VIII.

Nota do Tradutor

«Assim diz a quarta edição do original que se tem presente, e é a que se fez em Lião no ano de 1741; mas é clara a equivocação. Leão X não ascendeu ao pontificado até o ano de 1513 e morreu no de 1521. Equivocou-se a data da beatificação com a da canonização; e assim se deve dizer: Beatificou-o o papa Leão X e foi solenemente canonizado pelo papa Alexandre VIII no ano de 1690.»

São Servando e Germano, Mártires

Uma das nações do mundo em que a religião cristã tem sido confessada com mais valor e recebido maiores sacrifícios tem sido a Espanha. Nela acharam os tiranos sua confusão e sua vergonha, vendo vencida sua crueldade, umas vezes pelos inocentes meninos, outras por delicadas donzelas e quase inumeráveis pelos esforçados varões. Entre estes têm um lugar muito distinto São Servando e Germano, cujo glorioso martírio celebra a Igreja da Espanha neste dia. Ignora-se qual foi sua pátria; bem que, segundo os breviários Eboracense e o Hispalense antigo, se dizem naturais de Mérida; e por seu testemunho e outras várias circunstâncias que constam de suas atas, é esta opinião a que parece mais provável e verossímil. Seus pais são igualmente incertos; porque, ainda que o breviário de Évora, de Resende, o Palentino e muitos escritores os fazem filhos de São Marcelo centurião, contando-os entre os doze filhos que se atribuem a este Santo, não há documento positivo que o convença e ainda o contradizem algumas circunstâncias de suas atas. Destas consta que eram de família nobre e esclarecida e que à ilustre de seu sangue juntaram a gravidade e inocência de costumes. Esta era tal que, ainda nos anos da juventude, em que o fogo das paixões está mais vivo e por isso costumam declarar as obras, mais facilmente que em outra idade, a corrupção da natureza, os Santos se portavam de tal modo que quantos os olhavam advertiam neles uma conduta de anciãos virtuosos. Isto seria todavia mais admirável se, como sentem alguns, seguiram a milícia; pois é bem sabido que entre o estrépito e licença das armas a virtude costuma achar difícil acolhida. Sendo de idade adulta e tendo os conhecimentos necessários para perceber a vaidade do paganismo e a sólida firmeza dos preceitos do Evangelho, determinaram fazer-se cristãos, para ser na milícia de Jesus Cristo soldados fortes que defendessem seu sacrossanto nome contra os exércitos das infernais potestades. Instruídos suficientemente nos mistérios da Religião sacrossanta, receberam o sagrado Batismo, fazendo juramento a Deus diante dos altares de servi-lo eternamente fiéis. Este juramento o cumpriram de tal modo que sua fé não era aquela estéril e vã que se fica em só palavras, mas aquela sólida e frutuosa a quem as obras vivificam. Deveram chegar a um grau de perfeição na vida cristã, não daqueles comuns e vulgares, mas dos mais elevados e heroicos, como o manifesta o haver resplandecido na graça de fazer milagres. Porque, ainda que é verdade que esta graça não supõe no sujeito que a tem uma santidade necessária, da qual essencialmente se derive, também o é que Deus não costuma dispensar semelhantes graças senão aos fiéis de uma virtude muito perfeita; e nesta persuasão está a Igreja quando para a canonização dos Santos exige que suas virtudes tenham sido confirmadas por Deus com algumas maravilhas. Os Santos, pois, faziam diversos

milagres, conjurando os endemoninhados em nome de Jesus Cristo, lançando de seus corpos os demônios e além disso dando vista aos cegos, fala aos mudos, ouvido aos surdos e o uso de seus membros aos que por qualquer enfermidade os tinham embargados.

Por aquele tempo, que segundo a conjetura mais prudente foi no fim da perseguição de Aureliano, padeceram vários espanhóis as terríveis consequências de confessar livremente o nome de Jesus Cristo entre as gentes que o aborreciam e tinham em suas mãos o poder. Como Servando e Germano resplandeciam entre os demais Cristãos pela santidade de seus costumes e pelos frequentes milagres com que Deus os fazia maravilhosos, chamaram facilmente para si as atenções do juiz imperial. Mandou prendê-los e, pedindo-lhes razão de sua profissão e sua conduta, confessaram com valor que adoravam um só e verdadeiro Deus e a seu Filho Jesus Cristo, o qual, por redimir o mundo da servidão do pecado, se havia feito homem e havia morrido numa cruz; que abominavam com todo o seu coração os ídolos, que não eram outra coisa que obras de homens, sem poder nem atividade para coisa alguma, senão para manter seus néscios adoradores numa cegueira desventurada. Esta resposta irritou a cólera do juiz infernal e, crendo que poderia fazê-los mudar de parecer por meio dos tormentos, deu ordem de que se lhes aplicassem os mais cruéis e requintados. Cooperou a isto também o reconhecer neles mais adesão à Religião que professavam e que os demais cristãos os reconheciam por superiores. Executou-se o decreto e, ainda que não se sabe qual foi determinadamente o modo com que foram atormentados, infere-se das expressões de suas atas que foram suspensos no ecúleo, onde lhes desconjuntaram todos os membros. Este tormento seria suficiente para privar de vida o mais robusto; mas Deus, que se comprazia em ver pelejar seus esforçados Confessores, conservou-lha milagrosamente para que exaltassem seu nome com maiores vitórias. Sem embargo, o iníquo juiz não desconfiava de sua parte de poder triunfar de sua constância; e assim os mandou voltar ao cárcere, carregá-los de grilhões e cadeias e atormentá-los com fome e sede. Nada bastou para contrastar o heroico valor dos servos de Jesus Cristo. Os tormentos, a fome, a sede e o horror do calabouço não serviram de outra coisa que de fazer maior sua vitória e mais vergonhoso o empenho do tirano. Quando os Santos estavam no cárcere, cessou a perseguição; fosse isto por mandado do Imperador, ou porque naquela determinada cidade sucedeu outro pretor de menos crueldade e de mais indiferença a respeito dos decretos imperiais; mas o Senhor lhes preparava a coroa de um martírio que lhes havia de ser de maior glória. Dada a liberdade a quantos penavam nos cárceres por motivo de religião, saíram livres Servando e Germano mais atormentados que os demais; mas também com novo valor e esforço, não somente para combater eles por si mesmos todas as astúcias do inferno, mas também para confirmar os demais na santa Religião que haviam professado. Nenhum apreço lhes merecia sua própria conveniência e só estimavam a vida temporal para poder fazer dela sacrifício a Deus, pelo qual os galardoasse com a vida eterna.

Com este efeito praticavam quantas diligências podia ditar a caridade mais ativa e o zelo mais abrasado. Percorriam a cidade por todos os seus bairros e não contentes com pregar patéticos discursos contra a vaidade dos deuses gentílicos e a debilidade de suas forças, persuadindo-lhes quanta necedade era colocar neles suas esperanças, levavam seus desígnios a maiores empresas. Persuadiam aos mesmos gentios a arruinar os templos e aras dos deuses e a destruir inteiramente aqueles lugares sagrados que tinham nos bosques, onde exercitavam sua superstição. O fim de umas obras tão grandes e ao mesmo tempo tão atrevidas era arruinar por uma parte os sítios em que se alimentava o erro e por outra abrir os olhos àqueles miseráveis, trasladando-os do erro à

verdade, da morte à vida e de umas funestas trevas à claríssima luz de Jesus Cristo. Os efeitos corresponderam à atividade e eficácia da causa e ao sublime fim que dava valor aos Santos para ações tão arriscadas. Foram inumeráveis os que começaram a aborrecer com toda a sua alma os ritos e cerimônias profanas com que os sacerdotes sacrificavam a suas deidades. Desprezaram também a estas, movidos altamente de que, tendo visto que Servando e Germano atiravam contra o chão e destroçavam os simulacros, elas nem se haviam queixado nem haviam feito vingança alguma contra os servos de Jesus Cristo: desta maneira se aumentava prodigiosamente o número dos crentes, pois de todas as partes concorriam imensas tropas à Igreja de Deus, confessavam a Jesus Cristo e pediam a expiação de seus pecados.

A esta sazão já o comum inimigo havia movido crudelíssima perseguição contra os Cristãos, que, segundo se pode conjeturar, foi a de Diocleciano. Havia em Mérida um vigário imperial chamado Viator, o qual tinha o cargo de fazer a pesquisa dos que adoravam o nome de Jesus Cristo e de procurar retraí-los ou exterminá-los com os suplícios mais horrorosos. Chegou este a saber facilmente como Servando e Germano haviam estado antes presos e atormentados por seguir a Religião proibida por decretos imperiais; que, tendo sido lançados do cárcere, longe de corrigir-se com o castigo, haviam seduzido infinitos gentios e havia chegado sua temeridade até profanar e derrubar os templos dos deuses e fazer pedaços seus simulacros. Semelhantes acusações acenderam em ira o Juiz, o qual mandou imediatamente que fossem de novo postos em prisão para que oferecessem incenso aos deuses ou perdessem as vidas com os mais requintados tormentos. Cumpriu-se o decreto do Presidente; e tendo-os posto presos, voltaram a afligir seus sagrados corpos com os mesmos tormentos que anteriormente haviam experimentado. Põem-nos no ecúleo, excarnificam seus sagrados membros com unhas de ferro e correm por todas as partes arroios de sangue; mas os Santos se mantinham inflexíveis em seu primeiro propósito, não menos constantes na confissão da fé do que o estavam os cruéis ministros em atormentar seus corpos. Deu-se notícia disto ao Juiz, o qual concebeu uma raivosa fúria contra os gloriosos Mártires e, falto de conselho, não sabia de que modo satisfazê-la. Por uma parte quisera executar neles o extremo de sua severidade, exterminando uma vida que lhe era tão enfadonha; mas por outra parte contemplava que, estando os Santos mortos, não poderiam servir de objeto a seu furor nem cevar neles seu ódio. Com tanta delicadeza discorre uma fúria infernal quando o diabo chega a cegá-la e a sugerir artifícios para seu maior encarniçamento.

Prevaleceu no Juiz aquele pensamento que denotava maior protérvia em sua alma e crueldade a mais parecida à dos espíritos infernais. Persuadido de que uma das circunstâncias que fazem mais terrível um tormento é a de sua lentidão e duração, adotou o partido de reservar os Santos para novas penas e deste modo saciar neles sua cólera e dar um exemplo aos demais fiéis que lhes fizesse temer. Mandou, pois, que lhes lançassem argolas de ferro ao pescoço e que atassem com algemas suas mãos e deste modo os metessem num escuro e fétido calabouço, onde estivessem dispostos para novas penalidades. Entretanto, teve Viator necessidade de passar de Mérida à Mauritânia Tingitana, que pertencia então ao governo civil da Espanha; e querendo que o martírio de Servando e Germano aterrasse os demais cristãos, mandou que, atados com cadeias de ferro, os trouxessem atrás dele pelo caminho. Esta pena, que o mesmo Satanás havia sugerido ao tirano para quebrantar, se fosse possível, a firme constância dos soldados de Jesus Cristo, não somente se converteu em afronta do mesmo tirano, mas em maior glória dos Mártires e em grande proveito

da Igreja. Não eram só Servando e Germano os que padeciam pela fé de Jesus Cristo; padeciam como eles os trabalhos daquela prisão, o peso das cadeias, o horror dos calabouços, a aspereza dos caminhos, a impiedade dos soldados imperiais, a fome, sede e cansaço, outros muitos a quem o iníquo tirano havia mandado levar atados com cadeias para alimento de sua fúria infernal. Estes se lamentavam de sua sorte e estavam possuídos de tristeza vendo-se em penas tão amargas; pelo contrário, Servando e Germano tinham cheios seus peitos daquela inefável alegria que derrama o Espírito Santo nos que com firmeza de fé confessam a Jesus Cristo. Entretanto chegou o Presidente à jurisdição de Cádiz e, tendo visto que todos os tormentos e incomodidades que haviam passado no caminho não haviam produzido outro efeito que fazer mais notória sua constância, deu sentença de que fossem degolados. Tiraram-nos, pois, a um outeiro vizinho de Cádiz, chamado Ursoniano, e tendo chegado ao sítio do sacrifício, puseram-se de joelhos Servando e Germano e com voz submissa fizeram oração a Deus, pedindo-lhe que se dignasse aceitar o sacrifício de sua vida. Os verdugos deram o golpe com que foram cortadas suas sagradas cabeças e suas almas voaram ao céu a receber as coroas devidas a tão glorioso martírio. Os Cristãos, cuidadosos de que não perecessem tão preciosas relíquias, procuraram havê-las às mãos e sepultá-las em lugares honoríficos. Segundo o Missal e Breviário de Santo Isidoro, o corpo de São Servando foi enterrado em Cádiz e o de São Germano levado a Mérida, onde com o tempo foi colocado ao lado de Santa Eulália e outros muitos Mártires, cujos despojos possui aquela ditosa cidade. Não se sabe em que ano foi trasladado o corpo de São Servando; mas o certo é que o foi a Sevilha e colocado no cemitério entre Santa Justa e Santa Rufina. Ainda que é crível que imediatamente depois de sua paixão fossem venerados por Santos, não consta de seu culto público até o tempo dos godos, em que se propagou por todas as províncias sujeitas a seu domínio. A cidade de Sevilha os venera com grande devoção por possuir o corpo de São Servando e uma grande relíquia de São Germano seu companheiro. Mérida os celebra e tem por seus advogados e patronos; e no ano de 1619 fez Cádiz igual demonstração de gratidão, recebendo-os por patronos e obrigando-se a guardar sua festividade como dia de preceito em memória de haver sido regada sua terra com seu preciosíssimo sangue.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos Servando e Germano, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Omnipotens sempiterne Deus, qui sanctis fratribus Servando et Germano mirabilem fidei constantiam tribuisti; concede propitius, ut qui tantorum Martyrum patrocinio fruimur, eorum perpetua intercessione roboremur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Deus onipotente e sempiterno, que destes tão admirável constância na fé aos santos irmãos Servando e Germano, concedei-nos, misericordioso Senhor, que, os que gozamos do patrocínio de tão grandes Mártires, sejamos confortados com sua perpétua intercessão. Por Nosso

Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 3 do livro da Sabedoria (o impresso traz «cap. 11»).

Sabedoria 3,1-8

> **Latim:** [1] Justorum autem animæ in manu Dei sunt, et non tanget illos tormentum mortis. [2] Visi sunt oculis insipientium mori, et æstimata est afflictio exitus illorum, [3] et quod a nobis est iter exterminium ; illi autem sunt in pace : [4] etsi coram hominibus tormenta passi sunt, spes illorum immortalitate plena est. [5] In paucis vexati sunt, in multis bene disponentur, quoniam Deus tentavit eos, et invenit illos dignos se. [6] Tamquam aurum in fornace probavit illos, et quasi holocausti hostiam accepit illos, et in tempore erit respectus illorum. [7] Fulgebunt justi et tamquam scintillæ in arundineto discurrent. [8] Judicabunt nationes, et dominabuntur populis, et regnabit Dominus illorum in perpetuum.

Português: [1] Mas as almas dos justos estão na mão de Deus, e não os tocará o tormento da morte. [2] Pareceu aos olhos dos insensatos que morriam: E o seu trânsito foi reputado por aflição: [3] E a jornada que fazem separando-se de nós, extermínio: Mas êles estão em paz. [4] E se êles sofreram tormentos diante dos homens, a sua esperança está cheia de imortalidade. [5] Vexados em poucas coisas, em muitas lhes será bem retribuído: Porque Deus os tentou, e os achou dignos de si. [6] Ele os provou como ouro na fornalha, e os recebeu como uma hóstia de holocausto, e a seu tempo haverá dêles consideração. [7] Os justos resplandecerão, e como faiscas por um canavial discorrerão. [8] Êles julgarão as nações, dominarão os povos, e seu Senhor reinará para sempre.

Reflexões

As primeiras palavras da divina Sabedoria que usa neste dia nossa madre a Igreja para a instrução dos fiéis, a cujo fim se dedicam as epístolas das missas, dão a entender uma coisa bem notável, ou uma diferença maravilhosa entre os justos e os pecadores. Os justos, diz o Espírito Santo, à diferença dos malvados, viverão eternamente e seu prêmio o terão diante do Senhor. É bem sabido que a alma racional, seja do pecador ou seja do justo, é imortal e por conseguinte há de viver uma vida eterna. A diferença está em que o justo com a morte começa uma eternidade cheia de delícias e venturas e o pecador, pelo contrário, começa desde a morte uma eternidade de penas e de tormentos que são muito mais penosos e amargos que a mesma morte. Os justos, em recompensa de haver desprezado neste mundo uns bens transitórios que nenhuma outra coisa lhes poderiam produzir que cuidados, desassossegos, aflição de espírito e perigos muito prováveis de perder para

sempre a felicidade, receberão o cúmulo e perfeição de todos os bens, não só existentes, mas ainda imagináveis. Seus pensamentos não se empregarão já mais nas coisas caducas concernentes a sua própria conservação e existência, como deviam fazê-lo enquanto viviam esta vida mortal, por força de um preceito divino que o manda. Seus pensamentos não terão outro objeto que a Deus, nem mais móvel que a Deus, nem mais fim que engolfar-se mais e mais naquele mar imenso de perfeições para gozar mais de sua glória e estreitar-se-lhe mais intimamente por meio da caridade. Os pecadores receberão também o merecido de suas obras; mas, ó Deus eterno, e quão diferente será este! Um penar sem intermissão, um arder para sempre nos fogos eternos do inferno, uma persuasão firme de ver-se para sempre desditosos por sua culpa e sem remédio. Finalmente, um desespero o mais horroroso e aflitivo encherá suas almas de uma dor interior, de um pesar tão acerbo que todas as imaginações e quanto se pode fingir é como um sonho em comparação da verdade.

Depois segue o Espírito Santo na epístola deste dia a descrever mais minuciosamente os bens que se seguem à morte do justo, notando com vozes próprias aqueles grandes bens que costumam neste mundo arrebatar cegamente a atenção dos homens. Nada há neste mundo que deslumbre a vista destes tanto como o resplendor de um trono. Um monarca é uma pessoa só em dilatadas províncias e talvez em muitos e estendidos reinos. Ele desfruta dos bens e trabalhos de todos; a ele se lhe reservam as mais preciosas produções da arte e da natureza; nem a distância nem o rigor das estações nem nenhuma outra dificuldade podem retardar-lhe os frutos mais preciosos da terra; todos dobram diante de seu trono o joelho e qualquer vassalo se tem por ditoso em que seu príncipe aceite sua servidão. O ouro, a prata, todo o brilho dos metais, todo o resplendor das pedras e quantas combinações agradáveis pode dispor o artifício com as cores e a luz, outras tantas se veem em seus palácios, em suas casas de campo, em seus utensílios e em quanto o rodeia. Portanto, nada há na natureza que tanto chame a atenção do homem como este real esplendor; e eis aqui o que recebe o justo em prêmio de seus trabalhos e em justa recompensa das humilhações e abatimentos que há devido sofrer para seguir os preceitos do Altíssimo. Por isso diz a divina Sabedoria: receberão o reino de formosura e o diadema de beleza da mão do Senhor, porque sua destra os protegerá e com seu santo braço os defenderá. Prescindindo de que a mesma glória, isto é, o desfrutar da visão beatífica, é obter um reino e um diadema de tanta grandeza, de tanta beleza e formosura que quantas ideias se podem formar com o entendimento humano todas são limitadas, o viver seguros, protegidos da destra de Deus, é maior bem que todos os bens deste mundo, ainda que neles se contem as monarquias mais poderosas e os reinos mais estendidos. Nenhum bem há enquanto há receio de perdê-lo, enquanto há temor de ter a Deus por inimigo. Os justos que gozam de sua perfeita amizade são mais ditosos que todos os monarcas do mundo; e com razão diz o Espírito Santo que sua morte é mais propriamente princípio de uma eterna vida.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 21 de São Lucas.

Lucas 21,9-19

> **Latim:** [9] Cum autem audieritis prælia et seditiones, nolite terreri : oportet primum hæc fieri, sed nondum statim finis. [10] Tunc dicebat illis : Surget gens contra gentem, et regnum adversus regnum. [11] Et terræmotus magni erunt per loca, et pestilentiæ, et fames, terroresque de cælo, et signa magna erunt. [12] Sed ante hæc omnia injicient vobis manus suas, et persequentur tradentes in synagogas et custodias, trahentes ad reges et præsides propter nomen meum : [13] continget autem vobis in testimonium. [14] Ponite ergo in cordibus vestris non præmeditari quemadmodum respondeatis : [15] ego enim dabo vobis os et sapientiam, cui non poterunt resistere et contradicere omnes adversarii vestri. [16] Trademini autem a parentibus, et fratribus, et cognatis, et amicis, et morte afficient ex vobis : [17] et eritis odio omnibus propter nomen meum : [18] et capillus de capite vestro non peribit. [19] In patientia vestra possidebitis animas vestras.

Português: [9] E quando ouvirdes fallar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis: estes cousas sim devem succeder primeiro, mas não será logo o fim. [10] Então lhes dizia: Levantar-se-ha nação contra nação, e reino contra reino. [11] E haverá grandes terremotos por varias partes, e epidemias, e fomes, e aparecerão cousas espantosas, e grandes sinaes do ceo. [12] Mas antes de tudo isto lançar-vos-hão elles as mãos, e perseguir-vos-hão entregando-vos ás synagogas, e aos carceres, levando-vos á presença dos reis, e dos governadores, por causa do meu nome: [13] e isto vos será occasião de dardes testemunho. [14] Gravai pois nos vossos corações, o não premeditar como haveis de responder: [15] porque eu vos darei huma boca, e huma sabedoria, á qual não poderão resistir nem contradizer todos os vossos inimigos. [16] E sereis entregues por vossos pais, e irmãos, e parentes, e amigos, e farão morrer a alguns de vós outros: [17] e sereis aborrecidos de todos por causa do meu nome: [18] entretanto não se perderá hum cabello da vossa cabeça. [19] Na vossa paciência possuireis as vossas almas.

Meditação

Sobre a morte dos justos

Primeiro ponto

Considera que a morte para os justos não é um mal que encha de horror e de espanto só o considerá-la, mas, pelo contrário, nada tem de temível, nada tem de horrorosa e pode considerar-se como um positivo bem, que é o fim de outros bens temporais e o princípio de bens eternos e infinitos.

No capítulo 3 dos Provérbios compreende o Espírito Santo em poucas palavras todos os bens insinuados acerca da morte do justo, falando com ele e dizendo: «Quando morreres não temerás; descansarás e teu sono será suave.» Na primeira parte se contêm todas as consolações que

oferecem a um moribundo as ações de sua vida quando esta tem sido regrada, e a tranquilidade de sua consciência. Um justo, ainda que interiormente se olhe com olhos tão delicados que sua humildade o faz reputar-se por um dos maiores pecadores do mundo, não pode, sem embargo, apagar as luzes com que resplandece a verdade nem sufocar os ditames de sua consciência. Esta não lhe apresenta delitos por mais que seus olhos linces se empenhem em buscá-los. Naqueles momentos tranquilos em que a graça de Deus o faz gostar das suaves efusões de suas doçuras, quando a esperança prevalece contra o temor e se lhe representa Deus como um senhor, como um pai cujas misericórdias excedem a suas justiças, então vê o justo sua vida com uma certa complacência que lhe faz não temer a morte. Não vê em seu discurso aquelas infrações da lei santa de Deus que formam os delitos; vê uma série continuada de mortificações a respeito de si mesmo, de obras caritativas em ordem a seus próximos e de sacrifícios e orações a respeito de Deus e dos Santos. Não se lhe apresenta o pobre desvalido a quem oprimisse com injustiças, nem o infeliz desonrado por sua murmuração ou detrações, nem a honesta donzela privada de sua honra por sua culpa; não vê a terra empapada em sangue por cevar sua ambição nem transtornados os reinos e as províncias por suas astúcias e cavilações; e todo este conjunto causa tal tranquilidade em sua alma que a isenta do temor que tão terríveis angústias causa naquela hora. A misericórdia do Senhor vê que somente se pode empregar em umas ações quase indiferentes e que só a debilidade humana pode fazer que sejam delitos; mas sua leveza e o saber que a divina Justiça não tem decretados contra elas os últimos suplícios o consola, o enche de gozo e faz seu coração isento do temor. Por outra parte olha todos os bens criados com o mesmo desprezo em que os tem tido toda a vida e o ver na hora da morte a inutilidade de todos eles com luzes mais claras faz que este desprezo tome maior incremento e lhe faça insensível sua perda. Acostumado a olhar as riquezas como laços escondidos contra os bons costumes, as delícias do mundo como sombras passageiras que só têm de verdade o que deixam de contrição e de amargura, os postos encumbrados e dignidades altas como precipícios ou escolhos onde quase é inevitável a ruína, conserva estas mesmas ideias na hora da morte e, ao ver que esta o vai livrar de tão grandes males, longe de olhá-la com horror, olha-a com carinho e abraça-a como a sua libertadora.

Segundo ponto

Considera que, depois da tranquilidade e doçura que sente em sua alma o justo na hora da morte, voltando os olhos a sua vida passada, se reforça sua consolação dirigindo-os a quanto lhe há de suceder no futuro, desde o instante mesmo em que se verifique a separação de sua alma e de seu corpo.

O Espírito Santo nas palavras anteriormente alegadas insinua isto mesmo quando diz ao justo: «Descansarás e teu sono será tranquilo.» Nada tem tido os homens mais inquietos que o desejo de saber com certeza qual há de ser sua sorte quando tiverem passado desta vida. Ainda nas religiões mais estrambóticas e extravagantes, a ideia do prêmio ou do castigo tem tido suspensos os homens e sempre temerosos de que seus delitos não poderiam ser impunes nem os justos e inocentes deixar de ser vingados. Por mais que o capricho, a necedade ou a louca mania de parecer sábios hajam precisado alguns homens engenhosos a manifestar em seus escritos seu

nenhum cuidado da imortalidade, tem-se observado que estes mesmos homens, quando têm chegado à hora da morte, têm abjurado praticamente seu erro, apresentando-se com as convulsões horrorosas que lhes causava sua consciência. Todos têm conhecido que naquela hora em que não se pode disfarçar a verdade nem esconder os verdadeiros sentimentos da alma, davam a entender que reconheciam um Ser supremo, o qual havia de castigar seus excessos para vingar as opressões desta vida. Nós os Cristãos, que conhecemos e confessamos estas verdades inconcussas, a saber: que a alma do homem não morre com o corpo; que existe um Deus onipotente e justo que recompensa os bons e castiga os malvados; que no mesmo momento em que a alma racional se separe do corpo se há de apresentar no tribunal retíssimo do Juiz de vivos e mortos; e que a isto, finalmente, se há de seguir uma vida feliz ou desditosa, mas eterna, temos razões de muito consolo quando nos acompanha a justiça em ordem a nossa sorte futura. Porque, como há de temer um justo apresentar-se no tribunal de um Deus a quem ama com todas as veras de sua alma e de quem sabe que é amado com os extremos de um amor divino? Que receio há de ter um filho de apresentar-se diante de seu pai quando sua mesma consciência o assegura de que sempre tem respeitado suas leis e jamais lhe tem faltado à obediência? Olhará a Deus como a um Deus justiceiro e terrível que tem empunhada a espada da vingança para fulminar contra ele uma desventura eterna? Apresentar-se-á em seu tribunal com aquela confusão, com aquele espanto, com aquela contrição e amargura produzidas da consciência, do delito e do castigo que o ameaça? Nada menos que isso. O justo se apresentará diante de Deus como diante de um amigo seu que tem unidos com ele todos os seus interesses; como diante de um irmão que o espera para partir com ele uma preciosa herança; como diante de um pai terno e amoroso que o está esperando com os braços abertos para premiar suas obras, sua obediência filial, seu respeito, seu amor e enchê-lo de eterna ventura; e todas estas considerações é preciso que lhe façam olhar a morte isenta dos horrores naturais e como um bem que lhe abre a porta a intermináveis bens.

Jaculatórias

O que teme ao Senhor passará bem à hora da morte e o dia de seu trânsito será para ele princípio de suas bênçãos. (Eclo 1.)

Senhor, guiai meus passos e fazei que todas as minhas operações sejam segundo vossa justiça, para que à hora da morte tenha a consolação dos justos. (Sl 5.)

Propósitos

1. O homem prudente não se deixa levar do destino com sua cegueira acostumada, mas prevê com antecipação suas situações futuras e se prepara para elas, de maneira que perceba delas proveito e de nenhum modo dano. O lavrador sábio e experimentado prepara suas terras para receber no tempo oportuno os frutos sazonados e proveitosos. O general destro prepara em determinadas situações os postos oportunos que sabe que com o tempo lhe hão de fazer conseguir vitórias. Isto mesmo deve fazer o cristão na vida espiritual, que pelo comum está sujeita às

mesmas leis e ao mesmo modo de direção que todas as coisas humanas. Se queres ser participante da sorte dos justos; se queres ter uma morte feliz, livre daqueles horrores que tanto atormentam os malvados e cheia das doçuras inefáveis que concede Deus aos justos, procura imitá-los em sua vida, pois desta imitação pende a de sua morte. «Não pode morrer mal, diz Santo Agostinho (Liv. 1 de Civit. Dei), o que viver bem.» Nesta suposição, tuas obras hão de decidir a sorte de teus desejos: Deus se te representa neste instante como um juiz terrível; teus pecados te o fazem temer como rigoroso; mas estás em tempo: esse mesmo Juiz, esse mesmo Deus te deixou misericordiosamente os meios de aplacá-lo. Com seu mesmo sangue fez um bálsamo precioso para que no sacramento da Penitência pudessem ser curadas todas as feridas de tua alma. Com seu mesmo sangue te preparou um cabedal imenso de graças, que são o tesouro com que podes satisfazer todas as tuas dívidas e enriquecer-te além disso para comprar o reino dos céus.

2. Somente se te pede que uses destes meios e que, depois de conseguir a divina misericórdia, tenhas constância no bem. Com estas facílimas condições se te promete a morte dos justos. Serás tão falto de juízo que rejeites adquirir tão grande bem a tão pouca custa? Se a um miserável que houvesse padecido naufrágio lhe oferecessem, não já um débil fragmento de uma tábua para salvar sua vida, mas uma nau bem tripulada e abastecida ou um porto seguro e tranquilo, crês tu que chegaria a tanto sua temeridade e loucura que o desprezasse, perseverando no risco, clamando ao mesmo tempo que desejava salvação? É seguro que o terias por louco e que lhe mereceria o mais alto desprezo. Pois, agora bem: nestas meditações tens visto claramente que a morte do justo é amável, é dulcíssima, é apetecível, que está isenta daqueles horrores e arrependimentos que angustiam os malvados e os fazem gostar antecipadamente de umas dores e amarguras propriamente de inferno. Tens visto que a separação da alma e corpo, tida entre os mortais pelo transe mais insuportável e doloroso, é para os justos um instante de gosto, um momento de glória, um fim de seus trabalhos e um princípio feliz de uma ventura que há de durar enquanto Deus for Deus. A morte dos santos Mártires que celebra a Igreja neste dia te confirma estas verdades, quando a experiência de tantos séculos não as provasse mais que suficientemente. Pois em que te deténs que não buscas todos os meios de procurar-te uma morte desta natureza? Por que desde este mesmo instante não te hás de converter a Deus e fazer-te amigo daquele que inevitavelmente há de ser teu Juiz? Se amanhã, por que não agora? Estará amanhã em tua mão produzir em tua alma as santas inspirações que agora sentes? Não, seguramente: talvez quererás e não poderás, castigando Deus tua temeridade com a dureza que experimentas. Pois, cristão, não sejas temerário: aproveita-te dos momentos presentes para assegurar um momento feliz que seja o princípio de uma eternidade de glória.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:55 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:55 by Admin